



ARTE, DOCÊNCIA E IDENTIDADE: CONEXÕES MÚLTIPLAS POR MEIO DA PRODUÇÃO DE RETRATOS E AUTORRETRATOS

Adriano de Souza Bueno – UEL

Resumo: Trata-se da apresentação e discussão dos dados de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Londrina, no ano de 2010. O texto traz em seu corpo questões referentes ao retrato e ao autorretrato, realizadas por meio do desenho e da pintura, a partir de produções próprias e também dos alunos em oficinas de arte e tem como objetivo principal imbricar as experiências de artista com as de arte-educador. Tais experiências foram pautadas por referenciais artísticos através de suas produções imagéticas. Como suporte teórico para a realização da pesquisa foram utilizados autores como Stuart Hall, Teixeira Coelho, Luigi Pareyson, entre outros, que debatem questões referentes à identidade, estética na obra de arte e arte-educação. Durante as oficinas de arte realizou-se uma pesquisa/ação no intuito de desvelar e ampliar possíveis facetas da contemporaneidade: a do o *professor* ao estabelecer vínculo entre a sua própria produção e a produção dos alunos e a do *artista*, suas reflexões acerca de seu processo criativo.

Palavras-chave: arte-educação; identidade; retrato; autorretrato; fazer artístico.

Introdução

O presente artigo expõe os resultados de uma pesquisa que estabelece conexões entre as experiências com a produção poética artística e a atuação como arte-educador, em que apresenta questões vinculadas à representação da figura humana por meio do retrato e do autorretrato e reporta aspectos referentes à identidade por meio das produções.

O texto traz em seu corpo uma contextualização do tema retrato e o autorretrato em relação à história da arte e destaca uma reflexão referente à sua importância e o seu caráter identitário; em seguida, apresenta um trecho que expõe um recorte referente ao processo de uma pesquisa poética, que consiste em diálogos entre a minha produção de desenho e pintura e a obra de artistas que aproprio como referência; e por fim dados oriundos de uma oficina de arte, na qual são abordadas questões referentes ao autorretrato e à identidade.

O retrato e as relações de identidade

O retrato potencializa-se no período do Renascimento, momento da história em que o homem passou a ser o centro de todas as questões que abarcavam o pensamento humano por conta de movimentos como o Humanismo. O retrato passa a tornar-se então o mais presente e influente gênero na história da arte e simultaneamente o mais mutante.

No período Renascentista, a arte era tida como uma ciência exata, repleta de fórmulas matemáticas usadas na configuração das composições. Teixeira Coelho (2008) chama a atenção para esse tipo de questão quando põe em discussão aspectos referentes a uma representação rígida, repleta de cânones e regras, frente a qualquer tipo de expressão por parte do artista. O autor destaca que: *“Na história da arte, o retrato é talvez o gênero no qual mais fortemente se coloca a questão da verossimilhança. De que serve um retrato se ele não se parece com o representado?”*.

Essa discussão acerca do retrato se deu mais tarde com os artistas modernos que expuseram seu ponto de vista em sua produção, onde o artista conquista a sua autonomia, como também destaca Coelho (2008):

E a resposta do artista moderno foi: quando um retrato não se parece com o retratado, ele serve para fornecer o retrato do retratante, pelo menos seu retrato intelectual, conceitual, estético – e também seu retrato espiritual (COELHO, 2008, p.17).

Tais mudanças no mundo da arte foram reflexos de uma sociedade que também se modernizou. Simultaneamente à situação do artista moderno que apresenta um trabalho com seu próprio gesto e modo de pintar expondo assim a sua identidade de artista, conceitos, costumes, modos de vida, filosofias que por tanto tempo deram condições estáveis ao mundo social dão lugar às novas tendências que, fragmentam o indivíduo moderno, unificado.

Há um modo distinto de mudança estrutural que transformou as sociedades modernas do século XX, Stuart Hall (2006) apresenta relações entre identidades que se sobrepõe e que elucidam essa questão:

Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando as nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados (HALL, 2006, p.9).

Reflexo de transformações que ocorreram no mundo social, o sujeito global, possui uma identidade cada vez mais fragmentada, de caráter extremamente descentralizado, amplo, aberto e, sobretudo dinâmico e vivo, o que torna problemática a questão das relações de convívio social tendo em vista a multiplicidade dessas identidades conflitantes, como destaca Hall:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p.13).

O autor também fala sobre uma espécie de “crise da identidade” quando se reporta à fragmentação do indivíduo social, que consiste num deslocamento duplo por parte do sujeito que é a sua descentralização, tanto de um determinado espaço social, como também de si mesmo.

As reproduções dos retratos nos livros de história da arte estabelecem entre elas uma ordem cronológica se observarmos o seu aspecto formal, não é uma tarefa tão difícil apontar evidências relacionadas às transformações pelas quais o retrato também perpassou num determinado período de tempo. Não apenas aspectos relacionados aos modos de vida do passado como, vestimentas, mobiliários, utensílios e a forma como as pessoas eram retratadas ou até mesmo os materiais utilizados pelos artistas, os suportes, os pigmentos, enfim dentre essas variações de caráter técnico e de aspecto formal, mas também alterações no que diz respeito à atitude dos artistas em relação aos seus motivos. Esse tipo de atitude é em decorrência a um posicionamento mais crítico por parte dos artistas para com os seus respectivos contextos e épocas. Parte das produções artísticas do final do século XIX e início do século XX já apresentavam de antemão o projeto de sociedade a qual o mundo social estaria sujeito e que posteriormente desencadeou no período entre guerras, com os movimentos dadaísta e surrealista. Esses aspectos se desdobraram e obtiveram ressonância na obra de muitos artistas do século XX e contemporâneos, e que trabalham com o retrato como destaca Coelho (2008):

As personagens de Francis Bacon estão francamente desesperadas e as de Lucian Freud, em decadência física (portanto, em desconstrução espiritual). Olhá-las é uma provação, beirando o insuportável. É difícil aceitar a advertência e a premonição que esses artistas nos fazem. (COELHO, 2008, p.174-175)

Como consequência dessas frequentes mudanças o caráter multifacetário torna-se um dos principais aspectos do mundo social contemporâneo e favorece o artista em relação à espontaneidade das suas expressões, a sua arte não se encontra mais submissa a nenhuma regra. O artista contemporâneo transita com liberdade por todas as linguagens, técnicas, conceitos e ideais, e os resultados advindos desse novo mundo social contemporâneo.

A produção de retratos e autorretratos e os possíveis diálogos

A produção pessoal que discuto neste artigo está relacionada a uma perspectiva figurativa naturalista, que aborda assuntos referentes à representação da figura humana. São desenhos à grafite e pinturas em tinta acrílica de retratos e autorretratos que, ultrapassam a condição de meros registros, apesar de tratar-se de uma produção retratística, e constituem por

meio de seu aspecto plástico formal observações de um instante, que se desdobram numa produção e apresentam dados referentes aos retratados.

Deste modo a reflexão que teço permeia o recorte de um trajeto processual demarcado pelo período em que durou a graduação (do ano de 2007 ao ano de 2010), na qual exponho idéias relacionadas ao fazer e ao produzir sentido por meio do fazer arte, somado ao diálogo que estabeleço a partir do trabalho de outros artistas, dentre os quais destaco Rembrandt, Edward Hopper e Rodrigo Cunha, são artistas que seguem a mesma linha de produção: o retrato e o autorretrato de uma forma figurativa realista, no entanto exploram o tema de acordo as suas particularidades, aproprio-me dessas referências quando direciono o meu olhar para elas, e a produção advêm dessas apropriações, é no desdobramento deste processo que observo as influências estampadas nos resultados.

No trabalho de Rembrandt, o aspecto formal foi o fator determinante na origem do meu apreço pela questão técnica no fazer. Sua obra se caracteriza pelo ultrapassar o rigor e a qualidade técnica, não é apenas uma maneira muito peculiar de pintar, mas o modo como o artista se relaciona com a própria pintura. Os seus autorretratos deixam transparecer não apenas seu lado físico, mas também emocional e transitório. Foi extremamente relevante descobrir isso na prática, ao pintar entendi que o rigor técnico pelo rigor técnico pode ser algo vazio às vezes. Quando a técnica oferece resultados satisfatórios, se faz necessário produzir sentido por meio da produção.

No início a minha concepção de autorretrato, mais especificamente em sua configuração formal, estava baseada única e exclusivamente na figura do rosto. O vocábulo autorretrato me remete primeiramente à imagem de um rosto. As relações imagéticas e verbais estão diretamente relacionadas a uma cultura visual individual. Deste modo considero a obra de Rembrandt como um referencial a priori, pois em grande parte dos seus autorretratos o artista apresenta grande preocupação em transmitir questões emocionais via expressões faciais. Portanto, a produção dos autorretratos nos primeiros anos da graduação foi demarcada, em seu aspecto formal, pela representação do rosto como elemento portador e gerador de sentido.

Atualmente o trabalho ainda traz resquícios da primeira experiência, no entanto novos itens começam a ser somados à composição, como: o corpo e o entorno. Tratar as figuras que compõe a cena, os objetos, o fundo e até mesmo os dados em primeiro plano, com o cuidado e atenção equivalentes à construção do rosto, também apontam para questões que desvelam relações de identidade. Deste modo estabeleço um diálogo com a produção de Hopper, em que os cenários se fazem de grande relevância que, em muitos deles o assunto é o

próprio entorno, deslocando a figura humana e tirando-a do foco principal. Tal investigação do espaço transita desde a elaboração da composição até a importância de cada elemento que compõe a cena.

Dentre as referências artísticas que apresento neste texto obra do artista contemporâneo Rodrigo Cunha é a mais próxima do meu trabalho. O fator principal no trabalho do artista fica por conta do enfrentamento de se optar por uma linguagem tradicional como a pintura figurativa, naturalista e retratística no intuito de ressignificá-la a um contexto.

O objetivo deste subtítulo foi apresentar como se deu este trajeto pautado nos referenciais artísticos. O trabalho que desenvolvi, como qualquer produção artística, possui um caráter processual que se atenta aos referenciais imagéticos de outros artistas. Essas imagens, as quais estabeleço diálogos com a minha produção, demandam uma relação de interesse favorável ao processo, pois necessito vê-las com a calma necessária para que uma leitura seja feita. Indagações como, “o que e do que essas imagens falam?” ou, “quais as relações de identidade que elas estabelecem?” foram determinantes para o desenvolvimento da produção.

4. Arte e educação: relações de ressignificação da aprendizagem

Atualmente o mundo social está sujeito a transformações e o sistema educacional se encontra neste contexto. São fatores históricos, culturais, socioeconômicos, somados às questões tecnológicas, às novas mídias, que implicam em distintos modos de se encarar a escola e a sala de aula. Tal situação demanda novos modos para se pensar o processo de ensino e aprendizagem de modo que, este se adapte aos novos moldes da contemporaneidade. Pareyson (1989) descreve as relações de sensibilidade por parte do artista em contato com o próprio processo:

(...) E é justamente esta a condição do processo artístico, guiado por uma espécie de antecipação e pressentimento do êxito, pelo qual a própria obra age antes ainda de existir: se é verdade que a forma existe somente quando o processo está acabado, como resultado de uma atividade que a inventa no próprio ato que a executa, é também verdade que a forma age como formante, antes ainda de existir como formada, oferecendo-se à adivinhação do artista, e, por isso, solicitando seus eficazes presságios e dirigindo as suas operações (PAREYSON, 1989, p.142).

As infinitas possibilidades de experimentação fazem do processo artístico o contato mais direto do sujeito com a arte. Portanto o papel do educador em arte é viabilizar tal experimentação de modo que, haja uma reflexão mais profunda em relação à como se dá o processo de educação em arte nas escolas.

Neste trecho do texto são narradas algumas experiências como arte-educador por intermédio de uma intervenção artístico/pedagógica, em formato de oficina que foi desenvolvida com os alunos da 8ª série do Ensino Fundamental, na Escola Estadual Benjamin Constant, situada na Vila Portuguesa, região central da cidade de Londrina, Paraná.

A oficina aconteceu entre os meses de maio e novembro do ano de 2010, as quintas-feiras, no turno vespertino, portanto no contra-turno dos alunos, com três horas de duração por encontro, e a turma foi composta no início por sete alunos e chegamos ao final com cinco deles, os quais apresento nesta pesquisa por meio de nomes fictícios. O objetivo da mesma foi desvelar as questões identitárias dos alunos por meio da autorrepresentação, tendo inicialmente o desenho como linguagem.

Deste modo minha pretensão foi justamente somar as minhas experiências como artista num projeto que conseguisse dar voz aos alunos, e que essa voz obtivesse ressonância nas produções, trazendo questões relativas das nossas identidades: a do professor que produz e a dos alunos, com a análise do modo como os procedimentos artísticos podem ajudá-los a pensar sua identidade.

A oficina se pautou nas respostas dos alunos na medida em que as mesmas foram acontecendo. Trata-se de uma pesquisa/ação, em que as ações são redirecionadas de acordo com o desenvolvimento resultante da observação, das respostas trazidas pelos alunos.

Logo nas primeiras conversas com os alunos foram abordados assuntos atuais referentes ao tema proposto pela oficina que é a produção de retratos e autorretratos. Tal assunto foi direcionado de modo que os alunos pudessem reconhecer as inúmeras possibilidades de construção da própria imagem ou da imagem do outro com materiais, acessórios e veículos que, a maioria deles tem ou já teve acesso como, a fotografia digital, os sites de relacionamento, orkut, msn, facebook, enfim falamos desses veículos pelos quais os adolescentes além de produzir, manipular e postar imagens, as quais são em sua maioria fotografias deles mesmos, também se manifestam por meio da comunicação escrita, evidenciando uma necessidade de se mostrar, de falar de si, de expor sua personalidade, em suma são aspectos que dizem respeito à identidade desses jovens, o modo como eles se auto-constroem.

Após essa etapa os alunos se deram conta de que pelo menos uma vez na vida já haviam produzido uma autoimagem através da fotografia, o segundo passo foi mostrá-los outras possibilidades de produzi-la. Para isso levei alguns livros com imagens de autorretratos de Rembrandt, Van Gogh, Dürer, e expliquei a importância dessas obras para a história da

arte, mostrei também algumas produções próprias e falei sobre o processo de criação no qual envolvo.

Foi proposto aos alunos a elaboração de um texto que o identificasse contendo o nome, a idade e os seus afazeres prediletos, seguido da realização de autorretratos com a utilização de pequenos espelhos para os exercícios de observação da imagem refletida.

Nas conversas com os alunos após término das atividades acima mencionadas, pude perceber certa insatisfação por parte deles em relação aos resultados. Depoimentos como “*não se parece nada comigo*”, ou até “*noossa que feio*” foram frequentes, além das gozações entre eles ao ter acesso ao desenho do colega. Segundo Edwards (2000) há um anseio por parte do aluno nessa faixa etária de conseguir resultados hiper-realistas, parecidos com o real:

(...) Aparentemente o início da adolescência marca o fim abrupto do desenvolvimento artístico em termos de aptidão para o desenho na maioria dos adultos. Quando crianças, viram-se diante de uma crise artística, um conflito entre suas percepções do mundo, cada vez mais complexas, e seu nível de aptidão artística. (...) Tornam-se duramente críticas em relação aos desenhos que faziam quando pequenas e passam a desenhar certos temas favoritos - repetidamente numa tentativa de aperfeiçoar a imagem. Quando não conseguem atingir o realismo perfeito, sentem-se frustradas (EDWARDS, 2000, p.89).

Em contrapartida algumas questões de extrema relevância referentes à identidade dos alunos vieram à tona por meio dos primeiros escritos. Estes nos mostraram um pouco do universo dos alunos ao trazer em seu corpo aspectos como preferências, preocupações em relação ao cotidiano, vivências, questões de relacionamento, enfim, a partir dessas respostas foi possível conhecê-los um pouco mais, o que possibilitou o desenvolvimento de um trabalho somado às questões de identidade.

O próximo passo, portanto foi resgatar esses textos, analisar os itens em comum neles contidos e transformá-los em propostas de trabalho. Um dado muito frequente nas respostas fazia menção direta à questão dos jogos eletrônicos, computadores e filmes. Transcrevo a seguir trechos de algumas das falas que os alunos escreveram inicialmente, que destacam os seguintes aspectos:

(...) “Passo o tempo de vez em quando jogando vídeo game, assistindo TV, dormindo, trabalhando. Me dá prazer em jogar vídeo game, desenhar e praticar esportes”.

(...) “eu gosto de rir, desenhar e jogar bola, play station, assistir filme de tudo que é jeito comédia, ação, terror, etc...”.

(...) “Eu gosto de jogar vídeo game, fazer desenhos, eu gosto de ir no centro social urbano, no cinema e nos mercados...”

(...) “Gosto de jogar vídeo game e ir ao cinema com meus amigos, gosto de viajar sou fã de seriados e coleciono séries também sou fã de futebol...”.

(...) “Eu ocupo meu tempo fazendo as coisas que mais gosto como: jogando bola, play station, mexendo no computador...”.

Nessa perspectiva preparei para os encontros seguintes atividades que consistiam na criação de um personagem de jogo por meio de um desenho, e este deveria possuir as características dos próprios alunos, ou seja, a idéia foi fazer com que eles falassem de si próprios ao se imaginarem os personagens desses jogos.

Antes a tentativa de se representar a figura humana por meio dos desenhos de observação ofuscavam a preocupação com as questões identitárias, agora a proposta é utilizar o desenho, mas como veículo para proporcionar ao aluno a realização de um processo criativo e simultaneamente refletir a respeito das relações de identidade.

Após essa atividade iniciou-se o processo de construção visual tridimensional desse personagem, com a proposta de transpor para o trabalho aspectos e referências da personalidade do próprio aluno. Foi o modo que encontrei de propor um espaço para que os alunos pudessem falar um pouco a respeito si próprios, mesmo que de forma indireta projetada na imagem do personagem fictício de uma suposta história ou jogo.

Um dos alunos sugeriu que esses trabalhos poderiam ser realizados com lixo eletrônico, pois conhecia uma empresa que trabalha com esse material. É interessante, pois a proposta já havia surgido deste lugar, do universo dos jogos eletrônicos e computadores, mas o ponto chave foi o fato da ideia da construção dos personagens, ter surgido dos próprios alunos, isso denota uma sensibilidade por parte deles para com proposta de trabalho e também para com próprio processo de criação.

Inicia-se o trabalho com o novo material com a montagem dos personagens, que antes foram pensados e idealizados por meio do texto e projetados por meio de desenhos. Os primeiros resultados começaram a surgir.

Ao longo da oficina pôde se perceber o quanto a questão da identidade se fez presente nas produções. O contato dos alunos com o novo material começa se concretizar em objetos muito interessantes no decorrer dos encontros, cada qual com as suas particularidades.

Aproprio-me de uma das ideias de Stuart Hall, autor citado ao longo deste trabalho, que diz que as identidades têm haver não tanto com a as questões: Quem sou eu? De onde vim? Mas muito mais com as questões: Quem eu posso me tornar? Minha identidade seja ela de artista, docente ou aluno, não é ser fixa e imutável. Percebo também que as identidades desses alunos vão se alterando e a arte tem um papel fundamental nesse processo de construção e transformação, pois lidamos o tempo todo com o brincar de ser outro, e nesse jogo de fazer de conta eu me projeto e idealizo, me encontro e reencontro com outras identidades, talvez mais poderosas, mais potentes, mais coloridas, mais altivas talvez e é nesse

jogo entre ser e projetar que a arte cumpre um dos seus mais fundamentais papéis no campo da educação, que é o poder de imaginar.

As considerações que teço frente às questões que envolvem a docência em arte e o processo de criação se pautam no aspecto das referências imagéticas. No caso da docência em arte se faz necessária a elaboração de um diagnóstico para detectar questões que traçam o perfil do aluno: Qual a cultura sua visual? Qual a sua visão de mundo? O que no mundo me desperta interesse imagético? Essas são as primeiras indagações, e a resposta para elas pode servir como base para uma proposta de trabalho. Neste caso em específico, os referenciais para a produção dos alunos estão apoiados nas questões imagéticas referentes ao próprio universo adolescente, os jogos eletrônicos.

Considerações finais

Tive a oportunidade de aliar as três dimensões que balizam o próprio currículo da graduação em que me formei ao construir a pesquisa que configurou o trabalho de conclusão de curso. O trabalho abarcou dimensões da história da arte, do processo poético e as questões que envolvem o ser docente em relação ao ensino e aprendizagem em arte.

O aspecto identitário se faz presente em todo o percurso histórico, quando se trata de produção poética vinculada à representação. Refletir sobre as relações de identidade em uma produção de arte resulta num processo de amadurecimento da mesma, por desenvolver um posicionamento mais crítico em relação aos inúmeros estágios do processo de criação, selecionar materiais, suportes e até mesmo objetos a serem representados significa interferir diretamente no resultado. Tal ação reflete nas relações identitárias, o modo como esses elementos são organizados dão sentido e identificam não somente as imagens, mas também quem as criou.

A questão da docência se encaixa também nesta perspectiva.

Neste caso faz-se relevante ter conhecimento da cultura visual dos alunos, dos referenciais que trazem, de sua visão de mundo, isso implica no modo de ser docente. Ignorar a oferta de um espaço para o aluno, em que ele possa mostrar o que traz das suas visualidades culturais e artísticas, torna os encontros/aulas desinteressantes, indigestos, o processo de construção de conhecimento torna-se limitado somente pela transmissão daquilo que se acha importante.

A sintonia com universo cultural do aluno e simultaneamente levantar questões pertinentes ao ensino de arte significa para o professor apropriar-se de uma ferramenta que o possibilita não perder o vínculo com o mesmo, possibilitando-o fazer toda a mediação.

Aspectos como perceber a importância do fazer artístico para o processo de ensino e aprendizagem em arte e compreender os meandros para que se dê tal processo, possibilita fazer proposições mais assertivas com relação à formação do aluno.

Referências

EDWARDS, Betty. **Desenhando com o lado direito do cérebro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: PD&A, 2006.

LOPONTE, Luciana G. **Docência artista: arte, estética de si e subjetividades femininas**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Tese, Doutorado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

Olhar e ser visto / [textos Teixeira Coelho, Denis Donizetti Bruza Molino; curador Teixeira Coelho; versão para o inglês Ana Goldberger]. – São Paulo: Comunique, 2008; Coleção Masp.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.